

PLANTATERAPIA

Adriele Brümmer¹

Erik Nunes Gomes¹

Josemar Valandro²

Kátia Mara Batista³

Vera Maria Carvalho Silva Santos⁴

Luciano Alves⁵

Resumo das atividades

Apesar da garantia legal de vagas no mercado de trabalho, no Brasil, as pessoas com deficiência sofrem grande discriminação e muitas vezes não conseguem a devida capacitação para o acesso ao emprego. Nesse sentido, o Instituto Federal Catarinense Campus Araquari realizou junto à APAE de São Francisco do Sul um projeto de extensão para o desenvolvimento do projeto intitulado “Plantaterapia”, cujo principal intuito foi o de compartilhar saberes a respeito do cultivo de plantas, visando à capacitação dos jovens para realização de atividades básicas no campo. Várias metodologias de abordagem foram utilizadas, sempre com o intuito de adaptação destas às diferentes necessidades dos alunos. O projeto mostrou-se bastante desafiador, demonstrando a necessidade de preparo, principalmente por parte dos profissionais da área de educação, quando do desenvolvimento de atividades desenvolvidas junto a portadores de necessidades especiais. A execução do projeto possibilitou concluirmos que a educação pode ser utilizada como uma forma de superação de barreiras e preconceitos, e que a aprendizagem é uma capacidade inata do ser humano, apesar de todas as adversidades possíveis e, neste caso, observadas.

Introdução

O cenário mundial denota um movimento em direção a um sentido de inclusão social, e o sujeito com deficiência passa a dividir a cena com os sujeitos sem deficiência, coabitando os diversos espaços sociais, onde conceitos e práticas assumem cada vez mais um caráter efêmero e de possibilidades múltiplas (ROZEK, 2013).

¹ Acadêmico (a) do Instituto Federal Catarinense *Campus* Araquari. Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas.

² Professor Doutor co-orientador. Instituto Federal Catarinense *Campus* Araquari. E-mail: josemar.valandro@ifc-araquari.edu.br

³ Professora Co-orientadora. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Comunitária de Criciúma (UNESC). E-mail: katia.batista@contato.net

⁴ Professora Doutora Co-orientadora. Instituto Federal Catarinense *Campus* Araquari. E-mail: veramcss@ifc-araquari.edu.br

⁵ Professor Orientador. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Produção Vegetal (UFPR). Instituto Federal Catarinense *Campus* Araquari. E-mail: luciano.alves@ifc-araquari.edu.br

Todavia, essa inclusão caminha a passos lentos, já que apesar do grande discurso e propagação midiática da justiça social e equidade de direitos, sabe-se que ainda é grande o preconceito com os portadores de deficiência em nosso país.

Objetivando uma superação dessa lacuna na capacitação das pessoas com deficiência, propõe-se, segundo, Garcia (2006), o “conceito de necessidades educacionais especiais, que tem por finalidade retirar o foco dos diagnósticos de deficiência e colocá-lo sobre as necessidades de aprendizagem”. Desta maneira, focam-se as condições de aprendizagem no ensino e na escola, em vez de procurar no educando a origem do problema.

Conhecendo esses desafios de aprendizagem, bem como as dificuldades quanto à inserção dos portadores de necessidades educacionais especiais, o CAESP, Centro de Atendimento Educacional Especializado - APAE do município de São Francisco do Sul, procura realizar parcerias com instituições da região visando a uma adequada capacitação e aprendizagem para seus educandos em idade profissional.

Assim, o Instituto Federal Catarinense *Campus* Araquari desenvolveu, junto à instituição, o projeto denominado “Plantaterapia”. Este trabalho educativo visou à capacitação dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais para algumas das principais atividades relacionadas com o cultivo de plantas nas turmas “Iniciação para o Trabalho” e “Oficina Terapêutica Protegida”.

Procedimentos metodológicos

O presente trabalho foi desenvolvido no CAESP (Centro de Atendimento Educacional Especializado) – APAE do município de São Francisco do Sul – SC, com alunos da turma “Iniciação para o Trabalho” e “Oficina Terapêutica Protegida” (Fotos 01,02,03,04 e 05).

A metodologia de intervenção utilizada foi adaptada às necessidades dos alunos, buscando ser a mais clara e objetiva possível, sempre com o objetivo de atendimento das propostas do projeto.

Desta forma, procurou-se desenvolver com os alunos as principais atividades correspondentes ao cultivo de plantas, principalmente as práticas de semeadura, irrigação, preparo de solo, transplante, controle de ervas daninhas e colheita, seguindo-se, simultaneamente, da explicação dos conteúdos importantes às práticas agrícolas, de maneira didática e em linguagem acessível, buscando uma aprendizagem significativa e uma relação direta e imediata entre a teoria e a prática.

Buscou-se dar preferência ao atendimento individual, respeitando o tempo necessário para que cada educando pudesse desenvolver a atividade proposta, visto que é imprescindível considerar que as pessoas com necessidades especiais necessitam de mais tempo para adquirir qualquer habilidade ou competência.

Para todas as culturas trabalhadas foi realizada a etapa de identificação das sementes e plantas, tanto visualmente quanto pelo tato e olfato, além da semeadura, preparo dos canteiros, plantio, condução e colheita, observando-se todas as etapas do cultivo.

Fotos 02, 02, 03, 04 e 05. Atividades desenvolvidas com os alunos da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do município de São Francisco do Sul-SC, durante as atividades do projeto Plantaterapia.



Análise e discussão

É inegável que portadores de necessidades educacionais especiais necessitam de encaminhamentos metodológicos diferenciados para uma aprendizagem significativa, mas, por outro lado, possuem potencialidades que podem e devem ser aproveitadas pelos educadores e pela sociedade com um todo.

É justamente nesta capacidade intrínseca de aprender que baseamos nosso trabalho, sempre acreditando que uma aprendizagem efetiva é possível. Não obstante o embasamento teórico, o encaminhamento prático das atividades demonstrou-se consideravelmente difícil, pela grande diversidade de indivíduos com quem trabalhamos e pela necessidade do atendimento individual de cada um deles.

Um dos pontos que serviram de aprendizagem durante a realização das atividades foi o da importância do tato e de diferentes estímulos no processo educativo, desta forma detectaram-se problemas, principalmente com as sementes escolhidas que se mostraram de tamanho pequeno e por

vezes muito semelhantes entre si para que os alunos realizassem a devida identificação e também o processo de sementeira. Outro ponto que também se mostrou complexo para trabalhar foi o fato de os canteiros serem rasos e com o fundo em cimento, dificultando o trabalho por parte dos alunos.

Estas são questões que deverão ser observadas na continuidade do trabalho, e que nos fazem refletir que muitos dos problemas encontrados na educação de portadores de deficiência intelectual são, muitas vezes, motivados ou acentuados pelos educadores, ou pelas condições de trabalho que possuem. São equívocos que mostram o quanto ainda temos de evoluir para nos adaptarmos aos diversos tipos de necessidades educativas especiais demandadas pelas diferentes situações que vivenciamos e vivenciaremos ainda.

Um equívoco, todavia, que não se pode cometer é o de encarar os trabalhos educativos com vistas a uma educação realmente inclusiva, como caridade, em uma posição vertical entre educador e educando.

Por isso, não se deve pensar que o processo de aprendizagem que ocorreu foi unilateral. Conforme as palavras de Paulo Freire (2011), “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Por meio de um processo de parceria, os alunos tiveram a oportunidade de adquirir conhecimentos a respeito de atividades agrícolas, mas nós, que intervimos em sua realidade para o compartilhamento destes saberes, também aprendemos muito, aprendemos novas metodologias de trabalho, aprendemos novas maneiras de trabalhar com o conhecimento que possuíamos, e aprendemos que quando há vontade e comprometimento, de alguma forma, a educação será possível.

Considerações finais

O trabalho com portadores de necessidades educacionais especiais é possível, embora bastante desafiador. Faz-se necessária a aplicação de um encaminhamento metodológico individualizado, tendo em mente que a singularidade dos sujeitos assim o exige. Nesta área do campo educacional, talvez mais do que em qualquer outra, exige-se um planejamento minucioso visando a uma otimização do tempo e da aprendizagem.

Muitas vezes as dificuldades se impõem pela falta de capacitação dos educadores e/ou pelas condições do ambiente de aprendizagem disponível. Os conteúdos trabalhados com portadores de necessidades especiais deverão ser úteis na vida dos educandos, de modo a gerar interesse e desenvolver uma prática educativa emancipatória para que eles consigam ocupar espaços no meio social e no mundo do trabalho.

Neste sentido, o cultivo de plantas mostrou-se uma ferramenta viável para a aprendizagem por permitir uma aplicação prática e imediata dos conceitos expostos. É fundamental acreditar na educação como meio de superar barreiras e preconceitos, reconhecendo que a aprendizagem é uma capacidade inata do ser humano, apesar de todas as adversidades possíveis.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. Políticas para a Educação Especial e as Formas Organizativas do Trabalho Pedagógico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília – SP, v.12, n.3, p.299-316, Set.-Dez. 2006.

ROZEK, Marlene. A Educação Especial e a Educação Inclusiva: compreensões necessárias. Reflexão e Ação. **Revista do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação** - Mestrado da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Santa Cruz do Sul – RS, v.